

Sobre a Série GLOSAR

Por Lais Rabello de Andrade

(i2ADS-FBAUP)

glosar (glo · sar)

[v.tran.]

Palavra derivada do grego glōssa (língua) e do latim glossa (termo obscuro ou palavra difícil)

1. Verbo apropriado por pesquisadores para designar uma prática de leitura que desafia a transparência do texto sob a forma de um comentário marginal.
2. Verbo de sonoridade peculiar que aproxima afetivamente o leitor.
3. Anotar
4. Comentar
5. Explicar
6. Criticar
7. Desenvolver em verso
8. [Popular] anular; suprimir

Palavras semelhantes:

glosadore (glo · sa · dore)

[adj.n.n.]

1. Aquele que glosa

Para a filologia, glosar é explicar o que não é compreensível por si só — contextualizar termos dúbios, escorregadios. Durante a Idade Média, a prática da glosa floresceu nas margens dos manuscritos, onde pequenas notas comentavam e tensionavam o texto principal. No século XV, a glosa poetiza-se: passa a designar a prática pela qual um poeta parte dos versos de outrem para tecer uma nova poesia, costurando continuidade e desvio. Já na modernidade, o termo ganha outra faceta: no campo jurídico e administrativo, glosar passa a significar suprimir conteúdos — anotar para cancelar. Talvez por isso o termo tenha se tornado menos frequente na teoria crítica contemporânea. Ainda assim, dada a vitalidade e a potência crítica de sua prática, este é um momento fértil para reinscrever a glosa como ferramenta epistemológica e curatorial.

Deslenguadas. Somos los del español deficiente. We are your linguistic nightmare, your linguistic aberration, your linguistic mestizaje, the subject of your burla. Because we speak with tongues of fire we are culturally crucified. Racially, culturally and linguistically somos huérfanos—we speak an orphan tongue. (Anzaldúa, 2007, p.80)

Glosa:

Glosar é escrever com a língua que não se acomoda — ilegítima, mesclada e em constante disputa. Nos encontros da série GLOSAR, os termos e conceitos permanecem em estado contínuo de fricção. São termos em inglês, são perguntas em português. São comentários em português brasileiro, são respostas em português moçambicano. Interessa pouco o jargão estável e sua perpetuação. Glosar, aqui, é recusar o idioma do poder. É arriscar outras formas de entendimento, mais afetivas, mais híbridas, mais impuras. É deixar que a margem escreva no centro.

Acknowledging the agency of the world in knowledge makes room for some unsettling possibilities, including a sense of the world's independent sense of humour. Such a sense of humour is not comfortable for humanists and others committed to the world as resource. Richly evocative figures exist for feminist visualizations of the world as witty agent. (Haraway, 1990, p.199)

Glosa:

Glosar é recusar o paradigma logocêntrico, assumindo a afetividade do pensamento e seu alcance enquanto conectividade entre diferentes subjetividades. Não existem materialidades neutras: o mundo age, responde, ironiza. Nos encontros da série GLOSAR, essa agência se tornou evidente no jardim da FBAUP, onde o

colonialismo ainda se faz presente; na refinaria de Leça da Palmeira, cuja toxicidade ainda emana; no ar, espesso e carregado da violência infraestrutural. Glosar, aqui, é aceitar que nem todo comentário vem de uma voz humana: há ruídos, vapores e objetos que glosam de volta. É tornar-se sensível a uma crítica feita de poeira, som e deslocamento.

Glosar, portanto, não é apenas um exercício de comentário — é uma prática situada de escuta, desvio e fabulação crítica. Ao propor um léxico fragmentário e uma escrita que emerge das margens, esta publicação não busca encerrar sentidos, mas abrir fissuras no pensamento. As glosas aqui reunidas ecoam as masterclasses de Inês Moreira (GLOSAR #01: Infraestrutural Turn) e Elke Krasny (GLOSAR #02: Feminist Infrastructural Critique), e convidam à continuidade: que se glose com, contra, a partir e além. Porque cada conceito, assim como cada infraestrutura, pode — e deve — ser glosado.